

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR PROFESSORAS NA PANDEMIA DO COVID-19: UM DIÁLOGO COM WALTER BENJAMIN

*Carolina Oliva Rodrigues de Oliveira
Cyntia Simioni França*

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar a pesquisa desenvolvida no ano de 2022, com um grupo de professoras da Rede Pública de Ensino do estado do Paraná, para falar sobre as suas experiências vividas durante a pandemia do covid-19. Para tratar dessas narrativas memorialísticas e traumáticas, foram estabelecidos diálogos com Walter Benjamin, historiador, filósofo e grande pensador da modernidade. Através de suas teorias acerca da importância do uso da memória para a estabelecer diálogos com o tempo presente do sujeito e assim, instituir novas práticas históricas, como forma de escapar às grandes estruturas racionalistas que não conseguem, trazer em si, às sensibilidades do sujeito que vive a história. Desta forma, buscou-se nas práticas benjaminianas, as ressignificações dessas experiências para tratar de um tempo que se mostrou incerto e traumático para toda a humanidade.

Palavras-chave: Memória. História. Experiência. Formação de professores. Pandemia.

EXPERIENCES LIVED BY FEMALE TEACHERS IN THE COVID-19 PANDEMIC: A DIALOGUE WITH WALTER BENJAMIN

ABSTRACT

This article aims to present the research developed in the year 2022, with a group of teachers from the Public Education Network of the state of Paraná, to talk about their experiences during the covid-19 pandemic. To deal with these memorialistic and traumatic narratives, dialogues were established with Walter Benjamin, historian, philosopher and great thinker of modernity. Through his theories about the importance of using memory to establish dialogues with the subject's present time and thus, institute new historical practices, as a way of escaping from the great rationalist structures that cannot, bring in themselves the subject's sensibilities that live the story. In this way, we sought in Benjamin's practices, the resignifications of these experiences to deal with a period of time that proved to be uncertain and traumatic for all humanity.

Keywords: *Memory. History. Experience. Teacher training. Pandemic.*

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente
em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

Figura 1 - James Ensor, "Auto Retrato com máscara", 1899.



James Ensor, "Auto Retrato com máscara", 1899.

A elaboração das teorias de Walter Benjamin, suscita observações sobre a realidade em que vivia. Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892-1940), foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Um pensador que ocupa lugar singular na história do pensamento crítico moderno, Benjamin usa das artes e das filosofias para inscrever suas perspectivas históricas, apresentando teorias críticas sobre os elementos da modernidade indo de encontro às ideologias de dominação do progresso na tentativa de transformação da realidade.

Suas experiências de vida no período entre guerras suscitaram textos sobre a condição humana e o declínio da arte de transmitir experiências dos sujeitos. Walter Benjamin, em seu ensaio sobre Nikolai Leskov (2018), observa que os ex-combatentes, voltaram da primeira guerra mundial, não ricos, mais pobres em experiências, mudos diante das suas experiências vividas durante a guerra:

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

(...) Não reparamos que, quando a guerra acabou, os soldados voltavam mudos do campo de batalha? Não mais ricos, mas mais pobres em experiências comunicáveis. O que se difundiu dez anos depois, com a enxurrada de livros sobre a guerra, não tinha nada a ver com uma experiência passada de boca em boca. (BENJAMIN, 2018, p. 20-21).

Assim, Benjamin nos lembra da arte de contar histórias, ensinamentos de geração em geração. Em tom proverbial e pedagógico, as gerações mais velhas educavam os mais novos com aquilo que haviam aprendido durante sua vida. A sabedoria surgia como uma herança a ser repassada. Mas nos tempos modernos, a cotação da experiência começa a sofrer uma queda infinita. Estamos na Era informacional. Com o surgimento da imprensa no fim do séc. XIX, o jornal se torna nosso porta-voz das informações. Passamos a valorizar os dados e as notícias comprovadas; a velocidade das informações percorrem o mundo.

Estamos envolvidos na globalização, como Benjamin nos aponta: “A cada manhã nos informam acerca das novidades do globo terrestre. E mesmo assim, somos pobres em histórias dignas de nota. A razão é que nenhum fato mais nos atinge sem estar cercado de explicações. (BENJAMIN, 2019, p. 28). Para Benjamin, não somos mais atraídos para as histórias amplas e de múltiplas interpretações que ficam a cargo da nossa imaginação e referenciais de mundo, dando direcionamentos aos saberes que extraímos perante uma narrativa.

Hoje, se tornou raro aqueles entre nós que se propõe a contar uma história, para sabermos de algo, hoje temos acesso a inúmeros veículos informacionais, que nos colocam a par 24 horas por dia, de tudo que acontece ao redor do globo terrestre, sobrecarregado de fotos, vídeos, fotografias, tomando o tempo do diálogo e da escuta. Dentro do homem moderno, a faculdade de trocar experiências se encontra desaparecida, ou até mesmo morta:

Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 1933, p.1).

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cynthia.franca@unespar.edu.br

Sua crítica em relação ao estado de barbárie envolvendo o homem moderno, aponta para uma mudança no estado da cultura e do domínio do capital sobre nossas vidas. Em seu texto “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin nos apresenta o estado de declínio da modernidade. Benjamin caminha sobre os estilhaços da cultura moderna, semelhante à uma superfície de vidro: fria, rígida, lisa e transparente, onde nada de fixa, nem deixa rastros: Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa: “As coisas de vidro são em geral o inimigo do mistério. E também o inimigo da propriedade.”. (BENJAMIN, 1933, p.2). É sob esta superfície que nos deparamos com o homem moderno, envolto em sua pobreza de experiência, sob o estado de barbárie:

Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem as novas experiências não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre eles são ignorantes e inexperientes. (BENJAMIN, 1933, p.3).

Para materializar essa visão sobre a fantasmagoria e sentido apático do estado da sociedade moderna, Walter Benjamin cita a sensação transmitida pelas obras expressionistas de James Ensor (1860-1949), pintor belga. Ensor retrata em seus quadros multidão de rostos disformes como uma forma de crítica social e de reflexão filosófica. Em “Auto retrato com máscaras” (1899) (figura 1), James Ensor, pinta-se envolto de rostos disformes e de olhares vazios, fantasmagóricos em que a sua figura central é a única que se apresenta sob traços sóbrios, olhando diretamente para fora do quadro e focalizando no espectador: um homem envolto por uma multidão vestida de máscaras que passa e lota as ruas constantemente.

A modernidade se constitui na imagem fugidia e de incessante mudança, em espaços difíceis de deixar rastros. Cria-se um paraíso artificial calcado nas premissas da sobriedade “tecnicista” do progresso, do avanço tecnológico e da racionalidade instrumental. A falsa consciência do homem moderno, sob a falsa aparência da novidade, reflete a sensação do sempre igual, mas ao mesmo

tempo de constante mudança. Sintoma do eterno retorno da ritmicidade do tempo mecânico, gerando uma fantasmagoria da história da cultura.

A essência do homem moderno se torna assim individualista e voltada para o próprio eu, refletida da herança da burguesia, retratada já nos romances do século XIX, surge uma existência que basta a si mesma, desconexa do sentido de comunidade e coletividade. A cidade impessoal da modernidade, produz indivíduos incapazes de construir laços, devido ao desenvolvimento da técnica.

Vivemos sobre um estado de angústia existencial, na qual, o declínio da experiência é uma das grandes pobreza que fecundamos: (...) Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas deitada a humanidade surge assim uma nova barbárie. (BENJAMIN, 1933, p.1). A desumanidade à qual estamos fadados é fatídica e incorporada ao sistema que organiza nossas vidas, de acordo com a ordem capitalista e técnica vigente. Nossas experiências não encontram espaço, nem tempo para ser comunicada.

1 Memória e ressignificação das experiências

Pensar a história remete a compreender os eventos passados, conjuntamente com a forma de escrita e um pensamento crítico em relação à filosofia da história. Ou seja, é em tudo aqui que se fundamenta a reflexão e registro de nosso passado. Em diálogo com o professor Elison Paim (2019), destaco a seguinte reflexão:

A partir do início da modernidade capitalista, quando, então a história assumiu sua cientificidade e racionalidade, expulsando de seu interior as possibilidades de uso de elementos subjetivos, conseqüentemente, como a memória é pautada nas subjetividades, foi sendo expurgada das trincheiras da história. (PAIM, 2005, p. 272)

Ou seja, a memória foi encaixada tanto dentro de um padrão cartesiano de racionalidade, como seguindo um sistema linear histórico de sistemas dominantes e homogeneizadores, isso implica, na escrita da História como representação do passado, interessada nos detalhes, de natureza intelectual

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

(no sentido positivista e impessoal do discurso e da linguagem), que liga o discurso histórico a um sentido de pertencimento universal.

Os perigos desse tipo de história apontam, principalmente, para o afastamento identitário do sujeito, que começa a compreender a cultura como algo único e presente em qualquer lugar do mundo que ele vá. A globalização da cultura torna homogênea todas as experiências e existências de grupos, fazendo com que percam suas “heranças” e ligação com o passado, a partir do momento que se veem presos e pressionados a seguir uma história única que caminha sempre em frente, sem interrupções.

A história passa, assim, a assumir um caráter de inventário do tempo passado, catalogando acontecimentos e o historiador se vê desvinculado de seu próprio trabalho. Se tornando assim, segundo Paim (2005), um “historiador neutro”. Em contraposição, na busca por brechas, nesse sistema sufocante, nos deparamos com o historiador que vai contra essa maré de dominação intelectual: o historiador que considera os significados do narrado, como experiências vividas, agregando uma percepção qualitativa da temporalidade. Concebe, assim, uma atitude histórica, pensando a História feita no tempo do agora, por um projeto alternativo, para entendimento do presente, propondo uma mudança de relação entre historiador e história. Cabe ressaltar que, em Jeanne Marie Gagnebin, encontramos o reconhecimento de que a técnica também é falha, e muitas vezes um acontecimento do passado espera pacientemente ser conhecido. Sua descoberta é só uma questão de perseverança e de habilidade”. (GAGNEBIN, 2014, p. 54).

Apresenta-se então a importância em agregar a essência da história, uma identificação afetiva, sentir-se em comunicação, seguindo os passos de Benjamin, agindo de maneira desviante e a contrapelo. Buscando nos desvios das camadas de sentido, das arestas constitutivas e dos desvios auto reflexivos.

A atualidade seduz, muitas vezes, a abandonar, esquecer quem somos, através de meios midiáticos, das tecnologias que cada vez mais assumem papel maiores na realização de nossas funções mais básicas. Nos afastamos das relações mais pessoais, coletivas. Perdemos o senso de comunidade. Não

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente
em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

aceitamos mais conversas que duram horas, preferindo a comunicação instantânea via web.

Sob essa reflexão, pensar a memória, nos leva para o lado psíquico do sujeito, parte das vivências no tempo e daquilo que já foi experimentado. Se, por um lado, é expressa pela individualidade do sujeito calcado em sua unicidade e forma individual de apreender a realidade; por outro, a memória também ocupa um status coletivo, a partir do momento que se expressa em narrativas e compartilhamentos de espaços que remetem a um ato de rememorar comum a determinada comunidade.

A memória apresenta em si uma dinâmica própria de reconstrução do passado e de marcas da experiência. Ao rememorar, reconstruímos impressões mais remotas, representamos um sujeito inteiro se relacionando com o vivido, resultando assim na memória mais ativa que transforma o presente (GALZERANI, 2008, p.15).

A conceitualização e separação de memória da história se torna importante, para produção de trabalhos históricos que têm em seu sentido preservar o estado emocional, afetivo e sensível da memória, enquanto espaço de rememoração e pertencente ao sujeito e suas experiências.

Ao aproximar o estudo da memória do trabalho do historiador de construir narrativas sobre o passado, na relação com o presente, passa-se a agregar valores estéticos e sensibilidade no modo de olhar para o tempo passado. Maria Carolina Galzerani (2021) propõe um diálogo sensível com Walter Benjamin, considerando o próprio método de investigação benjaminiano, na tentativa de perceber a subjetividade nas condições colocadas pelo capitalismo e o tempo moderno.

Walter Benjamin reconstrói a partir de suas experiências, viagens, diálogo com seu eu criança, entrecruzando o passado com suas análises historiográficas e filosóficas diante do tempo presente. Galzerani (2021) analisa, por meio da mônada, “a lontra”, caminhos tecidos pela percepção do Walter Benjamin adulto, voltando aos seus tempos de infância para compreender na situação de encarceramento da lontra, a sua própria condição, aprisionado no apartamento em que vivia na infância em Berlim. Essas

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

reflexões benjaminianas, em forma de mônada, representam significativas rupturas na história da produção de conhecimentos acadêmicos (GALZERANI, 2021, p. 177).

Dessa forma, memória e produção de conhecimento histórico se articulam na prática e também na forma de reflexão. Benjamin aposta no poder criativo da linguagem, no questionamento, na sensibilidade das percepções humanas e a partir daí vai reconstruindo caminhos narrativos para impulsionar novas práticas culturais (GALZERANI, 2021, p. 178) e o fortalecimento da subjetividade e do sentido coletivo da sociedade.

O conceito de memória coletiva, expressa e desenvolvida por Halbwachs, e o conceito de lugares de memória de Pierre Nora, encontram, na discussão de Paul Ricoeur, um espaço de relação, que define alguns motes de compreensão do que pode ser entendido por memória. Expresso por uma dialética, ao mesmo tempo em que é infiltrada pela concepção de História, chamado pelo autor de “memória histórica”, a memória encontra outros espaços menos formais de deliberar sentidos ao tempo que já se passou. Paul Ricoeur aponta para as artes e para a literatura “(...) como recursos extra memoriais em um ato de expressão da vivência dos indivíduos no tempo” (RICOEUR, 2014, p. 399).

Essas concepções não se excluem, mas se relacionam uma à outra apresentando uma estrutura complexa. Se a História se expressa pelos documentos oficiais e os dados recolhidos, a memória estaria no campo da narrativa do compartilhamento de experiências individuais, num ato de rememoração envolvendo um grupo/comunidade. Estabelecendo, assim, um caráter simbólico, obra da imaginação e que garante as lembranças e sua transmissão. Pensando em uma arqueologia do saber contemporâneo, as ruínas seriam os fragmentos de memória, que reabrem o passado; é uma atitude de ofício que remete ao trabalho do historiador, que busca, entre os escombros da memória, rastros de recordação que remetem a signos, e recria, a partir dos vestígios (detalhe, o fragmento, o parcial), narrativas organizadas dentro da memória. Walter Benjamin motiva a procurar nos substratos culturais, as forças de trabalho que resistem. Encontra nas ruínas – o que resta do

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

reprimido -, que são as mais reveladoras, recordações afetivas, abrangendo a memória política e indo contra a destruição da memória representável:

Não se percebeu devidamente até agora que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder da morte (BENJAMIN, 1985. p. 210).

Walter Benjamin coloca o entendimento da perda da aura na modernidade, como ponto onde o sujeito não é mais soberano no mundo regido pelas leis do mercado. Por isso, o repensar histórico em conjunto com a memória, propõe uma revisão desconfiada da historiografia e, por extensão, o processo de transmissão. Ao refletir sobre a memória, Benjamin coloca dois sentidos da história: 1) conjunto dos eventos do passado; 2) Reivindica a singularidade da sua escritura em cada momento da história, formando, assim, uma unidade em si, criando condições de possibilidade de compreensão do passado.

Sendo assim, a identidade histórica é a experiência vivida, presente no narrar das experiências dos sujeitos que vivenciam e experimentam o tempo. Por isso, a necessidade de um desvio crítico do historiador. Para Benjamin, o mundo está em pedaços, a história se assemelha à um amontoado de ruínas e a salvação consiste no recolhimento desses pedaços perdidos e dispersos reencontrados na narrativa e na retomada de consciência do sujeito histórico contra o capitalismo, que conduz à destruição do ser vivo.

Maria Carolina Galzerani (2021), em diálogo com a historiadora Jacy Alves Seixas, traz a acepção de memória e história que, nas últimas décadas, vem ganhando espaço dentro das discussões historiográficas, tanto francesa quanto a anglo-saxã, bem como se tornando uma guerra de símbolos na historiografia e estabelecendo paradigmas de leituras entre os historiadores que buscam a via memorialística para construção do discurso histórico.

Na concepção francesa, representada pelos diálogos de Pierre Nora (1984; 1993) e Maurice Halbwachs (1990), tenta-se estabelecer distinções entre a memória e a história, buscando referenciais, designando certas características ligadas às sensibilidades para o campo da memória ligada à tradição, artesanais, afetivas, múltiplas, vulneráveis, enquanto a história, seria a reconstrução de análise e explicação, com estatuto científico, reconstrução intelectual, demanda análise e explicação.

Assim, a história aprisiona a memória, nas interfaces de suas explicações metodológicas. Maurice Halbwachs (1990) aponta para a separação da memória histórica da memória coletiva. Paul Ricoeur (2018) analisa esse caminho tomado na diferenciação hermenêutica dada por Halbwachs, a partir do processo de aculturação a exterioridade, que distancia o sujeito de seu próprio passado para uma progressão ao não familiar e estranheza sob o passado histórico:

[A] descoberta do passado histórico por intermédio da memória dos ancestrais. O vínculo transgeracional constitui, a esse respeito, a espinha dorsal do capítulo “Memória coletiva e memória histórica”: através da memória ancestral transita o “rumor confuso que é como o movimento da história”. Na medida em que os mais velhos da família perdem o interesse nos acontecimentos contemporâneos, eles interessam as gerações seguintes no que foi o cenário de suas próprias infâncias (RICOEUR, 2018, p. 405).

Dessa forma, atribui-se uma dimensão pública ao entendimento do que seria a memória compartilhada, perdendo-se, assim, o vínculo íntimo com o vivido e narrado, tornando-se um passado conservado, coletivo e público. Integrando a memória histórica à memória viva. As consequências, para Halbwachs, é que os mais velhos vão perdendo o interesse nos acontecimentos contemporâneos e se voltando para o tempo de suas infâncias, conservando um tempo íntimo dentro de si e desvencilhando da construção da narrativa sobre o tempo compartilhado, provocando problemas entre “[...] as relações de uma historiografia separada da memória coletiva e o que nela subsiste de tradições não historicizadas.” (RICOEUR, 2018, p. 411).

Em Pierre Nora, da ruptura da história e da memória surge uma nova figura: “a memória apreendida da história”, abrindo espaço para o “reinado do arquivo”, originando, assim, a “memória arquivística”. Paul Ricoeur analisa essa

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

proposição, como base para entender os lugares de memória citados por Nora, como base de nova situação que surge de lugares de memória, buscando imprimir suas marcas em lugares exteriores: “[...] nas quais as condutas sociais podem buscar apoio nas transações cotidianas.” (RICOEUR, 2018, p. 415).

Já na historiografia anglo-saxã, a memória perde seu caráter autêntico. Os representantes dessa historiografia, focalizam a problemática da memória e criticam a tentativa de hierarquização de conhecimentos entre memória e história, colocado pela historiografia francesa. Porém, essas discussões também pendem para generalizações. Ao reportar-se à dimensão política, voluntária, retirando o caráter de espontaneidade e colocando-a nas demandas de controle voluntário – aproximam demais memória e história, tendendo a anular as diferenças existentes entre elas.

Benjamin dialoga com as concepções francesas e anglo-saxônicas, mas amplia a aceção de memória mergulhando nas ideias de Bergson, Freud e Proust. Henri Bergson (1979; 1997) vincula a memória ao sentido de consciência. Tenta reconstruir a construção da memória da experiência moderna, por via estética, pois não acredita mais na via natural, que a vida moderna quase não pode contar mais.

Não deixa também de acentuar o antagonismo que domina a relação entre a vida ativa e uma vida contemplativa particular que deriva da memória. Essas lembranças que habitam dentro de nós:

Para Bergson, tanto percepção como intuição deságuam nos labirintos da memória. Seu conceito de memória acha-se fundamentalmente, vinculado ao sentido da consciência. Sentido este que permite a ultrapassagem do eu superficial e uma relação mais dinâmica e íntima entre o sujeito e o objeto. Ter consciência é possuir capacidade de articular dimensões de temporalidade e duração contidas na relação entre presente, passado e futuro (GALZERANI, 2021, p. 20)

Walter Benjamin amplia o conceito de temporalidade que, para Bergson, é sinônimo de duração e é indivisível, enquanto, para Benjamin, é exatamente nessa descontinuidade do tempo em que se encontram as brechas em que a rememoração rompe o tempo linear, produzindo o despertar dos sonhos, das fantasmagorias.

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

Em Freud (1971), Benjamin estabelece um reencontro com a memória inconsciente. A teoria psicanalítica freudiana desperta em Benjamin a ideia de filosofia com alicerces antropológicos, pensando, assim, nas estruturas psíquicas que se modificaram com o avanço da técnica e dos moldes capitalistas e seus efeitos no comportamento humano. A concepção freudiana de inconsciente se torna fértil para o entendimento da percepção humana no mundo moderno, responsável pela “desaturatização” do sujeito, presente na teoria da cultura moderna, em Walter Benjamin.

Walter Benjamin, em diálogo com Proust, adentra as dimensões da memória involuntária e afirma que, “Para esse autor, a grande questão na reflexão sobre a memória não é propriamente aquilo que é possível rememorar, mas é saber lidar com o fantasma do esquecimento. Como revelar os fatos esquecidos e apagados pela história oficial?” (GALZERANI, 2021, p. 88).

Benjamin, ao adentrar as reminiscências dos escritos de Proust, mergulha em um mundo das memórias despertadas, através de toques, cheiros, sons, tudo aqui que surge involuntariamente, na memória de Proust e que ele coloca no papel, narrando, assim, pedaços de sua vida. No entanto, Proust considera que somente a memória involuntária é como um fenômeno da rememoração, que nos permite acessar as imagens do passado. Benjamin, amplia essa concepção, pois:

(...) retoma, portanto, a distinção proustiana entre memória voluntária e memória involuntária, mas o faz no contexto de uma história crítica da humanidade oprimida, e não segundo uma construção individual e estética, como o a proustiano. Essa transposição não é desprovida de dificuldades – presentes em todas as analogias entre trajetória individual e trajetória coletiva (um problema que os leitores de Freud também conhecem). A noção de memória involuntária é transposta para a esfera historiográfica, porque permite uma interrupção do fluxo narrativo dominante, mas é acompanhada pela exigência de uma presença de espírito agudo por parte do sujeito histórico (GAGNEBIN, 2014, p. 243).

Para Benjamin, o presente também é portador significativo do estímulo que nos leva a rememorar, não é somente uma espera, um lampejo que surge, muitas vezes é no tempo presente, aquele que sensibiliza nossa percepção. Benjamin percebe a memória coletiva integrada a partir da memória individual que aparece em Proust, percebendo, no processo de recordação, possibilidades

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com

Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

de análise da experiência humana. É no ato de lembrar, partindo do presente, que o sujeito situa o passado, e passa a repensar o próprio futuro, entrecruzando vários caminhos da memória involuntária à memória voluntária.

[...] nos oferece um dado conceito de memória, capaz de ampliar a dimensão de ser sujeito tanto sob o ponto de vista social quanto sob o ponto de vista psicológico. Conceito de memória capaz de dinamizar a visão de produção de conhecimentos, entrecruzando diferentes espaços, diferentes temporalidades, diferentes sujeitos, diferentes visões do mundo (a da criança e a do filósofo, por exemplo) (GALZERANI, 2021, p.21)

Somos levados a lembrar que memória e esquecimento. Walter Benjamin se pergunta: como revelar os fatos esquecidos e apagados pela história oficial? Em suas ideias, encontramos um caminho de possibilidade, ligado à tentativa de tomar pelas vias da rememoração e da relação com as experiências estéticas, que ligam o sujeito ao mundo de maneira sensível.

2 O grupo mosaicos: a arte como via estética da produção de conhecimento

A matéria da qual as histórias são feitas é sobre a vida vivida. Ao olhar para dentro de cada um de nós, na intenção de nos narrar, as imagens se colocam em movimento, encontrando-se ao tempo presente e reconectando-se ao passado. Assim, a produção de conhecimento histórico, pode ser construída pelas galerias subterrâneas presente em cada um de nós e revisitada de tempos em tempos pela prática da rememoração: A recordação estabelece a cadeia da tradição que transmite acontecimentos de geração em geração (...) ela tece a rede formada por todas as histórias. (...) Em cada passagem da sua história lembra-se de outra. (BENJAMIN, 2018, p. 41).

O grupo Mosaicos, foi um projeto desenvolvido com professoras do ensino fundamental da rede pública de ensino do Estado do Paraná. Este grupo foi pensado para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado dentro do campo da História Pública. O objetivo desta proposta de formação continuada, era refletir dentro das teorias benjaminianas a possibilidade de produção de conhecimento histórico em diálogo com a experiência e o processo de

rememoração das professoras, para que pudéssemos dialogar sobre o que havíamos vivido na pandemia da covid-19¹.

Nossa proposta apostou na forma artesanal de comunicação mais as reflexões que vêm sendo abordadas sobre a produção de conhecimento histórico pela via da História Pública.

A História Pública, se mostra como campo fecundo de práticas da historiografia, no intuito de produzir pesquisas no campo da história, entrecruzando com outras áreas dos saberes e interagindo com o público mais amplo que o da universidade, realizando um movimento de reflexão e ação.

Ricardo Santhiago (2006), apresenta algumas vias de diálogo dentro da pesquisa historiográfica. Para realização da pesquisa, a abordagem escolhida foi pela via da autoridade compartilhada e de produção colaborativa.

O conceito de autoridade compartilhada apresentado por Michael Frisch (2016), entende que nós pesquisadores: (...) não somos a única autoridade, os únicos intérpretes, os únicos produtores e historiadores. [...] Em vez disso, o processo de interpretação e de construção de significados é, por definição, compartilhado.”. (FRISCH, 2016, p.62). Busca-se, então, um processo dialógico, permitindo a compreensão de que: “(...) a narração e a interpretação da experiência não são vistas como uma função profissional, mas mais do que isso, como parte de uma existência individual.”. (FRISCH, 2016, p.60).

A via da autoridade compartilhada é um dos caminhos possíveis para transcender as restrições dicotômicas entre historiadores/público, produção e consumo. Além de que passamos a considerar as experiências pessoais dos professores nessa pandemia, para além da coleta de dados que passam por uma avaliação e decodificação subsequente dos historiadores. Pensar em ampliar esses espaços, múltiplos e variáveis, proporcionam espaços mais criativos e abertos, escapando de uma ideia linear da história e, portanto, mais

¹ Foi em março de 2021 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o primeiro surto do vírus SARS-CoV2, no Brasil. Porém, seu alto potencial de contágio, precisou adotar medidas drásticas de afastamento social para conter a disseminação da doença e suas mutações. Portanto, o mais importante para reduzir o risco de exposição ao vírus era o uso de máscaras, manter a higiene das mãos, deixar os ambientes bem ventilados, sempre que possível, evitar aglomerações e reduzir ao máximo o contato próximo com muitas pessoas, principalmente em espaços fechados.

compartilhável entre os possíveis espaços de produção e disseminação do conhecimento histórico.

Desta forma, a autoridade compartilhada, para Frisch (2016), se torna um caminho criativo, mais aberto e compartilhável, permitindo o uso da imaginação, abrindo espaços para os públicos participarem coletivamente da produção de conhecimento histórico, cada um com os seus saberes, sem hierarquizá-los. Ao mesmo tempo em que o historiador não se redime de suas responsabilidades profissionais, ele reconhece no público as potencialidades e a vontade de participar e o reconhece como sujeito da sua própria história. As possíveis formas de diálogo abrem possibilidades para que a história não permaneça confinada aos muros inacessíveis das universidades, mas encontrem caminhos de interação e participação na esfera pública.

A história pública apareceu como possibilidade, mas também como atitude, de um processo de formação compartilhada e dialogada com o outro. Para Santhiago “[...] toda pesquisa é fruto de um processo de construção social, [...] e na história pública isso se radicaliza” (SANTHIAGO, 2020 p. 311). O público² se construiu e se tornou um acontecimento social envolvendo o pesquisador e as pessoas, assumindo assim um compromisso público na construção de um saber com temas socialmente vivos no presente, como a pandemia. As narrativas permitem abrir esse diálogo para produzir saberes significativos, reconhecendo discursos outros e abarcando reivindicações históricas.

O mote para pensar a importância da tomada de consciência do espaço público é pensar que esse também é constituído por laços e pela intenção democrática, decisão tanto política quanto intelectual de criação de um espaço comum a ser compartilhado; encontra-se, nesse sentido, espaço para articulação entre voz e linguagem, e o narrar das experiências de vida que envolvem esse público e conseqüentemente existência política.

² O público na pandemia ficou restrito, devido ao distanciamento imposto pelas autoridades, para tentar controlar a disseminação da doença. Tanto assim, que nossas relações públicas invadiram o nosso espaço privado, com a internet, o excesso de notícias, as reuniões de trabalho dentro de nossos aposentos íntimos. De repente nos vimos vivendo o público dentro de nossos espaços privados.

A experiência proposta por Benjamin, vem alinhada a uma nova prática do narrar, pensando uma nova forma de sociedade organizada sob as perspectivas artesanal, do tecer pelo diálogo e pela troca, opondo-se às formas sintéticas de experiência. A resignificação das experiências permite a saída do sujeito do estado atônito da apatia, ao se tornar consciente das suas ações e da realidade que o circunda.

Desta forma, pela investigação e pela ação especulativa, foi proposto exercício de nossa consciência reflexiva sobre nossas vivências. Pensando sempre, pela perspectiva ampla, que nós pesquisadores não podemos esquecer que existe.

Não podemos esquecer também, que a produção histórica deve abranger o pluralismo espiritual e expansivo do indivíduo, todos somos atravessados por histórias de vida e heranças do passado, que nos formam e nos transforma, sendo assim, heterogêneos em nossa essência: na modernidade, o indivíduo é feito de trechos de histórias e sonhos, fragmentos esparsos. Assim, o pesquisador precisa lidar com uma série infinita de identidades totalmente distintas entre si e fragmentadas.

Walter Benjamin, aposta no historiador capaz de escrever uma história a contrapelo, dar uma nova face à presença do narrar das pessoas comuns, daquilo que foi sufocado por uma histórica única e oficial da humanidade, dita geral, homogênea. Apresentar na elaboração do discurso histórico, um outro conceito de tempo agregado ao vivido e experienciado.

No seu último texto escrito em 1940, “Teses sobre o conceito de história”, Benjamin nos coloca uma questão para pensar como a história vem sendo escrita: “Com quem o investigador historicista estabelece empatia?”. (BENJAMIN, 1940, tese VI). E mais a frente obtemos a resposta: com o vencedor. O que nos remete a refletir sobre como a escrita da história vem sendo apoiada aos destroços de despojos nas custas de outras culturas, que foram vencidas e colocadas na condição de subordinação servil e ser suprimido por um conceito de progresso, sem vínculo com a realidade.

A perspectiva benjaminiana de Mônada, como metodologia para recorte da realidade por meio da memória, reconstrói uma arqueologia para produção

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

de conhecimento histórico sobre o tempo e a presença do sujeito na história. Pensando, também, nos estados de dominação, que impedem a extensão e aprofundamento de reflexões, pois não encontramos muitos espaços para questões existenciais dentro do espaço de confinamento limitante estabelecido pelos sistemas administrativos e burocráticos que nos governam.

A mônada, em Walter Benjamin, se caracteriza pela coexistência, e não contraposição, de imagens dialéticas, que não se excluem, mas que convivem em um processo de tensão polarizados em lados opostos, mas que, juntas, formam um tecido significativo, do processo de pensamento do sujeito em relação à realidade. É quando, segundo Walter Benjamin, o pensamento pára bruscamente numa imagem tensionada, ele lhes comunica um choque, através do qual essa imagem se configura como mônada. Remetendo à ideia de um fragmento singular e dimensão significativa, diretamente referida à nossa vida:

(...) o materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada no curso homogêneo da história. (BENJAMIN, 1940, Tese XVII).

A natureza que compõe a mônada é propícia ao trabalho de diálogo do historiador, pois esta abarca uma narrativa localizada no espaço e no tempo em que o sujeito que fala se localiza ao mesmo tempo em que remonta a uma temporalidade passada, interligando um conjunto de significados de uma cultura mais ampla, para dar sentido a particularidades de experiências, resultando em um complexo interligado de passagens pela vida de diversos sujeitos.

A construção do discurso histórico se dá pelo desenvolvimento do discurso aliado à prática, com a finalidade de compreender o desenrolar da realidade no tempo. Em contraposição a metodologia historiográfica que temos herdado e praticado até os tempos de hoje (pautada na ideia de um progresso inevitável e científica previsível, com concepção homogênea e vazio, sobre o tempo cronológico e linear).

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

A contrapelo das práticas mecânicas, o grupo de formação mosaicos demonstrou que as experiências não se enquadraram no tempo maquínico, estipulado. Os fios conduziam e se intensificava a cada fala. Foi neste movimento que nos deparamos com o caminho desviante da produção histórica e da pesquisa, no diálogo com a memória, num papel de reconciliação e vínculo afetivo na produção de um conhecimento não desvinculado da vida, formação para o conhecimento e para a transformação do mundo que nos cerca.

Apostamos na necessidade de reatar nossos vínculos com as propriedades sensíveis pertencentes a nossa subjetividade, que caracteriza nosso modo de vida mais autêntico, ligado a natureza humana e que dão sentido aos percursos da nossa existência. A cada narrativa que tecemos, reatamos fios de reconhecimento e nos sensibilizamos pelo que foi vivido, vimos a pandemia e o ser professora durante esse período, a partir da experiência de cada professora, narrando a partir do seu olhar sobre a realidade

No grupo de formação continuada, a proposta era colocar a história e a arte em um diálogo, pensando no tecer das narrativas, junto à experiência estética diante de pinturas e trechos literários. Foi pelos trechos literários e as obras de arte, que enveredamos pelo viés da alegoria, buscando a representação das experiências vividas durante a pandemia e ampliando para uma dimensão histórica da narrativa, ligado a um saber do vivido.

Para colocar em ação essa pesquisa, durante o processo de produção de conhecimento histórico-educacional, construímos 5 mosaicos com as professoras nos encontros semanais, ocorridos no Laboratório do Ensino de História da Unespar. Para cada mosaico, foi produzido um material para a reflexão das temáticas. Em cada temática havia o aporte iconográfico e passagens literárias relacionado ao tema de reflexão, que seria dialogado no próximo encontro. Busquei nessas obras de arte iluminar as percepções que às vezes se tornam inenarráveis, devido a sua densidade, a qual a palavra se torna limitada demais para o atendimento, mas mesmo assim, sentimos em nosso interior.

Através dos fragmentos literários, foram recortadas passagens que traziam no âmago da personagem, a licença poética que muitas vezes não

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

encontramos correspondentes na nossa realidade material. E no final do material, eram apresentadas algumas provocações no sentido de levar as professoras a narrarem suas próprias memórias, inspirados pelo viés da arte relacionado com suas experiências:

1º Mosaico: “O narrar das linhas vividas” foi um encontro dedicado para compartilharmos as nossas trajetórias de vida na relação com objetos históricos e como eles se reconhecem como docentes. Discutimos a importância da memória como forma de enraizar-se no tempo, no espaço e nas relações sociais estimuladas por fragmentos literários e a obra de arte: “A persistência da memória”, do pintor Salvador Dalí.

2º Mosaico: No encontro “Experiências vividas na pandemia”, refletimos coletivamente como nos enxergamos no mundo após dois anos de pandemia, partilhamos as experiências significativas vividas durante o período de reclusão e isolamento social e o retorno ao convívio coletivo, especial no espaço escolar.

3º Mosaico: “Trajetória, experiência e trabalho: O ser no tempo”, abrimos esse encontro com a obra de Salvador Dalí, Saturno devorando o filho, estimulando as professoras narrar sobre o tempo, como elas compreenderam esse elemento histórico não palpável, mas que sentimos seus efeitos na pandemia. Adentrando ainda para pensarmos coletivamente como a mente e o corpo se conectaram nesse tempo pandêmico.

4º Mosaico: “A percepção do entorno e a reflexão com imagens cotidianas” foi um encontro com a obra de arte “Pintor: Khariton Platonov”, possibilitou às professoras produzir alegorias, narrando os impactos da pandemia na sua vida pública (relações sociais); como percebeu habitar a cidade na pandemia (o entorno e o outro nos espaços das ruas e da escola). Quais problemas sociais se agravaram e ficaram evidentes? Como eles percebiam o cenário urbano? Quais problemas e mudanças eles perceberam no entorno e na escola?

5º Mosaico: A miséria do olhar foi um encontro impactante, pois realizamos uma releitura da obra de arte “Hipocrisia da fome”, de Luís Duro, e alguns fragmentos literários da obra “Quarto de despejo: Diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, e depois os professores compartilharam

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

suas visões de mundo sobre o político da pandemia, como se reinventaram perante as políticas públicas educacionais que, de certa forma, não estava interessada nas dificuldades sociais do estudante e do professor, mas muito mais para autopromover sua imagem com decisões superficiais, que aparentavam um cuidado social, mas que não resolviam os problemas que vieram com a pandemia. No caso da educação, muitos estudantes ficaram de fora, por não ter condição social suficiente para acompanhar o ensino remoto e a prática de ensino teve de ser repensada para superar as dificuldades impostas.

E a partir de cada mosaico, foram escritas as narrativas e dos seus recortes, foram produzidas as mônadas, no sentido de trazer elementos de experiência única. A unicidade das experiências possibilita a manifestação (individual/coletiva) e autenticidade na escrita da história.

Possibilita, também, leituras plurais do contexto pandêmico e das experiências nesse período, ao mesmo tempo em que se entrecruzam no passado e no presente de quem narra, pois as professoras ao rememorar não trazem apenas as suas histórias de vida, mas as amálgamas com as experiências vividas durante a pandemia.

Os encontros do grupo mosaico fizeram parte de um projeto formativo coletivo, em que as professoras eram protagonistas da pesquisa. O diálogo entre pesquisador e os participantes da pesquisa foi constante. Além das literaturas pré-estabelecidas, durante os encontros outras referências eram lembradas e citadas durante os encontros pelas professoras.

Essas trocas demonstram o enriquecimento das vias dialógicas formativas, durante a escrita da pesquisa e suas contribuições à escrita da História, pois a pesquisa deixa de ser centralizada somente na visão dos pesquisadores e passa a ser aberta para outras visões de mundo.

Nesse sentido, essa proposta formativa não foi para e nem sobre as professoras, mas foi tecida dentro de um processo dialógico, adentrando as teorias benjaminianas, sobre a produção de conhecimento histórico. A pesquisa considerou a inteireza dos sujeitos, pensando no ser professor (a) e todas as experiências vividas, se dá como um processo, considerando o caráter múltiplo de cada participante da pesquisa.

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

CONCLUSÃO

Walter Benjamin, reconhece a possibilidade de buscarmos nessas ruínas uma memória e conseqüentemente uma cultura em comum. Apostando em nossas metodologias e novas perspectivas de produção do conhecimento histórico. Ao fazer o reconhecimento da perda da experiência, podemos nos permitir adentrar em um processo de construção de novas bases para outras práticas. Pensando na escrita da história, sem a aplicação das explicações definitivas, mas no englobamento de múltiplas interpretações, permanecendo aberta e disponível para a continuação da vida.

Esse tipo de pesquisa permite o trabalho do historiador juntamente com o público mais amplo e aproximação com as subjetividades. Considerando as experiências vividas como necessária para que haja reformulação das perspectivas científicas quanto à construção de saberes histórico-educacionais. Despertando as sensibilidades no ofício de ser historiado.

O diálogo com a obra de arte e a literatura também são caminhos potencializadores para encontrarmos correspondências sensíveis ao narrar das experiências. Permitem que as expressões surjam em outras formas de linguagem, pois a pesquisa mais aberta abre caminhos para o uso da imaginação e a criatividade.

Sendo assim, para abarcar as demandas vividas e narradas, a pesquisa muitas vezes precisa romper com as amarras acadêmicas, no sentido livre e público da história. Relacionando abertamente histórias de vida e as diversas visões relacionadas ao contexto sociopolítico e econômico.

Desta forma, as perspectivas públicas na pesquisa histórica como caminho alternativo, ajuda a pensar nas autorias compartilhadas e alcance públicos mais amplos. Construindo trabalhos de natureza compartilhável para que eles ultrapassem os portões acadêmicos e passem a ser de interesse social. Tornando a pesquisa, uma prática pública e que possamos nos reconhecer nas demandas contemporâneas.

Além disso, a essência dos pensamentos benjaminianos que propiciaram abarcar com sensibilidade e acolhimento das memórias e as experiências que

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com

Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

compartilhamos conjuntamente durante os mosaicos. Localizando também, a importância do falar e do narrar-se na experiência para a constituição e formação do sujeito.

Sobre o método monadológico, sua importância surge da necessidade de construir novas formas de abordagem de pesquisa pela subjetividade entrecruzada com a racionalidade, trazendo o sujeito como produtor de conhecimentos histórico educacionais. É um modo “outro” de produzir conhecimento e que pede atenção aos detalhes, daquilo que nos aparece como um lampejo e logo em seguida, desaparece e é na sua captura que conseguimos um fragmento que muitas vezes nos passa despercebidos. Assim, os conhecimentos estão interligados de maneira dialógica, conseguimos tecer um diálogo entre conhecimento de vida atrelado ao saber “científico”.

Sendo assim, os mosaicos produzidos dentro da perspectiva benjaminiana, possibilitaram uma maneira de repensar espaços de formação, para escapar da inércia social e nos reconhecer em nossas produções de conhecimento histórico-educacional. Além disso, as propostas formativas, precisam aproximar do modo artesanal na produção de conhecimentos. Devemos ocupar nossos lugares de falas e de escuta nos mais diversos espaços públicos para que as ideias floresçam, sejam partilhadas e possamos nos emancipar.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e histórica da cultura. Obras escolhidas. Tradução de: Sérgio Paulo Rouanet. Volume 1. 1.ed. São Paulo: Editora brasiliense s.a. 1985.

_____. O narrador. In___: **Obras Escolhidas**, V. I, Magia e técnica, arte e política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-222.

_____. Experiência e Pobreza. In___: **Obras Escolhidas**, V. I. Magia e técnica, arte e política. Tradução de S. P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-120.

Mestre em História Pública (PPGHP), pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).
Brasileira, residente em Campo Mourão/PR. E-mail: caahrolys@gmail.com
Doutora em Educação (UNICAMP), professora de história na UNESPAR. Brasileira, residente
em Londrina/PR. E-mail: cyntia.franca@unespar.edu.br

FRISCH, Michael. **A história pública não é uma via de mão única ou de A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa.** In.: MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). História pública no Brasil – sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 57-71.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin.** 1º ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

GALZERANI, M. C. B. Memória, tempo e história: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em ensino de história. In___: **Cadernos CEOM**, n.28. Chapecó- SC: Unhochapecó, 2008b.

_____. Imagens que lampejam: contribuições de Walter Benjamin para a produção de conhecimentos históricos. In___: Adriana Carvalho Koyama, José Claudio Galzerani, Guilherme do Val Toledo Prado (org). **Imagens que lampejam: ensaios sobre a memória, história e educação das sensibilidades.** São Paulo: FE- UNICAMP, 2021, p. 176- 190. .

PAIM, Elison Antonio. **Memórias e experiências do fazer-se professor.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2005.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** 1.ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo. **A História Pública que queremos.** Epígrafe, São Paulo, vº 8, nº 8, p. 283-321, 2020.